N. 13 1. ANNO

# O BIJOU

PUBLICAÇÃO QUINZENAL LITTERARIA

DEDICADO ÁS DAMAS VIMARANENSES

ASSIGNATURAS
Anno ..... 300
Com estampilha ..... 360

GUIMARÃES
DOMINGO 21 DE NOVEMBRO 1886

TODA A CORRESPONDENCIA
Deve ser dirigida á
REDACÇÃO

## O AMOR

(Continuação)

DEPOIS que o Amor leu aquella fatal sentença que lhe gravara no peito a Sciencia, essa mulher austera, de rosto enrugado e emmagrecido pelas longas vigilias passadas no estudo do kosmos e do homem; depois que elle via em perigo o seu throno prestes a fazer-se estilhaços na revolução dos seculos que tem a força da dynamite, lançou-se-lhe aos pés muito sabujamente, humedeceu-lhe as mãos com as lagrimas puras e vaporosas do sentimentalismo, prometteu-lhe caricias, enchentes de amor...de um amor ideal, purissimo, crystalisado n'umas phrases chorosas...languidas...e pediu-lhe que lhe não roubasse a corôa.

Essa corôa é feita de folhas de sensitiva entrelaçadas de suspiros e saudades, e foi-lhe collocada na cabeça por uma legião de virgens sentimentaes...pudicas...

Mas baldadas lhe foram as supplicas, minhas senhoras.

A Sciencia, a terrivel Sciencia, que não sabe o que é ter coração, respondeu-lhe como Pilatos aos judeus: quod scripsi, scripsi.

Mas porque me queres tu exilar, Sciencia? Por ventura não tenho eu direito de acompanhar eternamente o coração da humanidade?—Não, eu acompanho-o porque sou o pharol deslumbrante da verdade, preciso de dar a todas as gerações luz, muita luz, alimento do Progresso; e tu, meu velho Cupido, és um elemento inutil, um pária que já nem direito tens a vêr desfilar o ultimo vulto da geração presente.

E' um caso triste, não é minhas senhoras? commove não commove? e tambem desperta o riso não desperta?

E ninguem diga que tem os seus direitos garantidos nas constituições sociaes.

A Sciencia de braço dado com o Naturalismo invadiu os dominios da Metaphysica, chicoteou a Psychologia e, estudando a natureza humana, encontrou apenas orgãos e funcções, phenomenos e leis; não viu no coração a séde dos affectos, mas simplesmente o centro da circulação do sangue. Não viu a alma, fonte d'esse amor cantado pelos romanticos, mas simplesmente o cerebro centro de todos os instinctos, de todas as potencias. Pediu a Letourneau que estudasse a Physiologia das Paixões e elle apresentou-lhe no seu Relatorio «o amor como um phenomeno physiologico! um instincto sensual!» A Arte seguindo pari-passu a Sciencia canta na lyra dos poetas este mesmo amor. Apparece Richepin escrevendo Blasphemias e Junqueiro escrevendo o D. João. O Amor fica sendo então o sensual instincto do «crescite et multiplicamini» do Padre Eterno.

A Sciencia sempre é muito discreta!

Vejam lá, minhas senhoras para o que lhe havia de dar?! para profanar o antigo santuario do Amor, esse precioso gazophylaceo onde se guardam as joias das mais variadas e doces impressões. Eu bem sei de quem é a culpa. E d'esses descontentes que aborrecem a rotina da vida; que querem sempre assumptos...palpitantes; escandalosos e depois atiram-se ás velhas crenças como S. Thiago aos Mouros, indo afinal desenterrar do passado as novidades para o presente. A moda é assim; é um circulo sem fim nem principio.

Com o amor acontece o mesmo. Já Socrates dizia haver uma Venus Urania outra Polymia=uma pura, celeste; outra sensual, terrestre. Em Roma appareceu Lesbos, Dalias Arianas, Didos almas voluptuosas e ardentes...Dante idealisou e sublimou o amor na sua Beatriz, mas hoje voltamos para traz a cantal-o como Tibullo e Propercio.

Vá lá, visto que é espirito da epocha, cantemos uns labios humidos e frescos.... uns olhares languros os...e intimemos alguns Romeus, que ainda por ahi vegetam, a renegarem as suas crenças.

Por isso, minhas senhoras, se nenhuma de vossencias tem a coragem de Joanna d'Arc, salvando o Amor d'este desgraçado cêrco, podem ir dispondo o coração para o profundo golpe da sua morte. D'aqui a pouco tempo, vel-o-hemos no pantheon da Metaphysica, no altar dos preconceitos.

Como uma derradeira homenagem, podem vossencias ir-lhe tecendo o caixão de flores de larangeira bordado a goivos e martyrios; a mortalha de um pedaço do Azul bordado com as lagrimas da Saudade, e com fios de cabello cada uma de vossencias bordará uma letra para este epitaphio que lhe devem gravar sobre a campa :

Vesti-vos côr da noite ó açucenas;
Regae-lhe a campa lagrimas da Aurora;
O' Poetas cantae as nossas penas!
Morreu o Amor ! O' Sentimento, chora !

Coimbra, Novembro 86.

(conclue no proximo n.º)

BRAULIO CALDAS.

## *AOS ANNOS D'UMA SENHORA*

(NO ANNIVERSARIO DO SEU CASAMENTO)

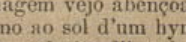
Como o limpido azul d'um ceu formoso,
Que, ao ressurgir da lua e das estrellas,
Menos bello não fica ao brilho d'ellas,
Posto que mais o avive um sol radioso,

Assim, n'este percurso luminoso
Dos annos teus, não correm menos bellas
As noites do que os dias, e eu de vêl-as
Imagino o que seja um par ditoso.

E' que tambem o vivo azul do veu
Que o rosto vela á esposa idolatrada
A imagem lhe reflecte lá do ceu;

E eu essa imagem vejo abençoada,
Tão viva como ao sol d'um hymeneu,
N'esta lua de mel tão dilatada.

*F. C.*



### BOLETIM ELEGANTE

Desde hoje até ao dia 4 de dezembro, fazem annos as ex.mas sr.as :

Hoje—D. Maria Isabel de Freitas Fernandes Martins.

Dia 25—D. Camilla Candida Machado da Costa Santos.

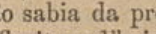
Idem—D. Josephina Elvira Leão da Cruz Barbosa.

Dia 29—D. Josefa Carolina de Mattos Chaves.

Dezembro :

Dia 3—D. Amelia da Conceição Costa.

Dia 4—D. Maria Brigida de Mello Sampaio.



## *AS FLORES BRANCAS*

A' MINHA AMIGA GLORIA S. DE MORAES

(Conclusão)

—Perdão, minha amiguinha, disse-lhe eu, não sabia da prodigiosa virtude d'essas floritas; d'hoje em diante serei a sua melhor fregueza.

Escusado será dizer que cumpri a minha promessa; hia regularmente, todas as manhãs, comprar a minha flôr e dar um beijo na traveça ramalheteira.

Um dia porem não encontrei a rapariguita, e debalde pedi noticias d'ella. Desapparecera, levando as suas magicas flores. Que seria agora de mim, sem aquelle poderoso talisman, a que me havia acostumado ? Como conjurar a tristeza, que procurava apossar-se do meu espirito ? Não podia luctar, que me faltava a minha fadasita dos olhos negros ! Então a melancolia, abusando da minha fraquesa, deslisou mansamente até junto do meu coração, e como eu não podia repelil-a, estabeleceu-se ali, unindo-se, como a hera, ao tronco annoso. Fui-me pouco a pouco habituando a ella, e hoje, adormeço-lhe no regaço. Mas, esse meu dormir tem sonhos agitados, e n'elles vejo sempre a pequenita dos olhos pretos, que traz na mão um ramo de flores brancas.

. . . . . .

Alguns annos se tinham passado desde que eu vira pela ultima vez a minha amiguina ramalheteira. Um dia, apoz um longo passeio, assentei-me, bem fatigada, bem melancolica, n'um

cómoro vestido de mimosa relva, e encostando a cabeça pezada no tronco nodoso de uma velha arvore, fechei os olhos. Subitamente, a pequena distancia de mim, avistei a minha feiticeira dos olhos negros; não uma creancita franzina como n'outros tempos a vira, e sempre me apparecia nos meus sonhos, mas uma donzella esbelta e graciosa. As faces estavam menos crestadas, e o rosado d'ellas desmaiara um pouco; os labios haviam trocado o sorriso malicioso por uma expressão de inefavel candura. Os olhos, esses eram sempre os mesmos, brilhantes como pedras do mais subido quilate! A minha antiga amiguita olhou-me e sorriu. Depois tirou do bolso do avental um bouquet murcho, que eu pude reconhecer ter sido feito d'aquellas magicas flores brancas d'outr'ora; mostrando-m'o, ouvi-lhe distinctamente dizer-me :—São as ultimas, estas flores; a planta em que ellas desabrochavam crestou-a o sopro impuro dos ventos abrasadores do mundo; seccou á mingua de orvalho celeste que lhe humectasse a haste ressequida. Não te cances a procurar mais flores brancas, que as não ha na terra; aspira o perfume das violetas e saudades que encontrares por entre as urzes e espineiros.

A visão, adelgaçando-se pouco e pouco, esvaeceu-se.

. . . . . .

A predicção da sybila dos olhos negros realisou-se. Nunca mais vi uma só das taes flores brancas, e tambem já mais me appareceu a formosa ramalheteira. D'esta, como d'aquellas, apenas me resta uma viva recordação, perolisada dos orvalhos finos da saudade que, em vapores subtis, sobem do coração aos olhos, e deslisam mansamente, ao longo de minhas faces desbotadas.

VIRGINIA D'ABREU

## APOSTASIA

Outrora eu era um sceptico, mulher!
E meus labios golphavam ironia
Quando juncto de mim alguem dizia
Sem amor impossivel é viver...

A existencia tem phases, podes crer
Oh! anjo virginal, terna Maria,
D'um mixto de chimera e phantasia
—Phases cheias de goso e padecer!

Era n'esses momentos de loucura
Lastimando, talvez, a desventura
Que da vida a mulher julgava indina:

Não vira de teus olhos o fulgor...
Era em mim embryão 'inda o amor
—Esse brilhante sol que m'illumina!

Porto—1886.

*C. Guimarães.*

## MEDIEVAES

A CUSTODIO FREITAS.

. . . . . .

ÉLA era uma creança loira, ideal, um perfeito tipo de escossesa, com os labios carminados como duas pétalas de rosas. Êle, um bohemio completamente desvairado pelos efluvios d'um amor dormente, passava as noites sobraçando o arrabil, entoando endechas sob os balcões em flôr. Um perfeito *flaneur* dos tempos medievaes. Quando a lua, nas noites silenciosas de verão, desvendando a frente, saturava d'um palôr nostalgico as cômas do arvoredo, éla, espreitando furtivamente atravez dos entersticios do varandil, esperava arfando a cada momento divisar por entre a folhagem ramalhuda dos choupos, o vulto simpatico de Aprigio. Esperou em vão, até que a lua completamente envolta n'um finissimio gaze de vaporisações diáfanas, se deixava dominar pela luz doirada e fresca d'uma manhã de Maio.

Fechou-se a ogiva, onde antes transparecêra uma cabeça loira como a das creanças de Rembrandt; e emquanto no gigantesco castélo reinava o silencio vago e tétrico dos cemiterios, cá fóra, a cotovia saltitava de ramo em ramo sacudindo a penugem polvilhada de finissimas gôtas d'orvalho.

. . .

(Continua)

*Antonio d'Almeida.*

## A JULINHA

ESCURECIA. As aves nas arvores chilreavam incessantemente, e a esses gorgeios festivos respondia um triste e doloroso gemido no quarto onde repousava a innocente Julinha.

Junto ao leito, beijando aquelle rosto pequenino e muito pallido, estava a nossa santa mãe.

A dôr que lhe apertava o coração augmentava ao ver o penar acerbo d'aquelle ente querido, que, com a garganta contrahida pelos estertores da agonia, tentava pronunciar o seu nome, e em seus descórados labios brincava ainda um sorriso.

E chorava, porque sabia que estavam a findar tres annos de alegrias, de cuidados, de ternuras e vigilias...

Emfim anoitecera. As avesitas adormeceram. No ceo haviam nuvens e a lua surgia amortecida, derramando frouxa claridade.

Havia um silencio profundo no aposento da pequenina doente. Os paes trocavam olhares tristes e angustiados, sem proferirem uma palavra.

No toucador, em vez de frascos de essencias caras, havia vidros cheios de remedios.

. . .

Aproxima-se a hora de lhe ser dado o remedio.

O pae levantou-se, e, com mão tremula, levou-lhe uma colher aos labios cheia d'um liquido que a creança engoliu a custo. Instantes depois, abraçava ella o collo da mãe que de joelhos a beijava, atirou um sorriso ao pae, e exhalou um profundo suspiro—derradeiro suspiro que foge com a vida.

E o brilho d'aquelles olhos fascinadores apagou-se; e aquelles formosos labios calaram-se !...

Restava apenas um corpinho enregelado que a familia tentava aquecer com infinitos beijos.

. . .

Nuvens negras caminham lentamente e parece que vão toldar de crepe o firmamento.

De quando em quando rompe a lua, como funeraria lampada, indo depôr um osculo sobre a fria e alvacenta fronte da Julinha.

Todos choram com pungitiva saudade aquelle anjinho...

Como é penoso vêr inanimado o corpo estremecido d'uma irmã !...

Quando te vi, ó minha querida irmã, deitada sobre um caixão pequenino, pensei que me arrancavam o coração !...

Saudades de ti, minha pallida creança, sentil-as-hei durante a minha vida inteira !...

. . . . . .

Mas quando o caixãosinho seguia o caminho d'Athouguia, dois entes a quem o espinho da magoa mais ferira, lançaram-se nos braços um do outro, misturaram as suas lagrimas, como se para elles já não houvesse consolação possivel—eram os paes.

Porto.

A. LEÃO MARTINS.

## CORRESPONDENCIA

S. P. C.—Tenha paciencia, as suas quadras é impossivel publical-as, não podemos dispor de tempo algum para metrificar versos.

Typ. de Guise.